

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

O AMOR POR PRINCIPIO. E A ORDEM POR BAZE;

O PROGRESSO POR FIM

Viver para outrem

Viver às claras

Prece á Humanidade

Pelo apóstolo

RICARDO CONGREVE

Fundador da Igreja Positivista de Londres

Tradução de Miguel Lemos, seguida de alguns estratos do
Catecismo Positivista de

AUGUSTO COMTE

Edição comemorativa da Festa Geral da Humanidade

Em 1º Mozés de 148

(1º Janeiro 1936)

RELIGIÃO DA HUMANIDADE

O AMOR POR PRINCIPIO, E A ORDEM POR BAZE;

O PROGRESSO POR FIM

Viver para outrem

Viver ás claras

Prece á Humanidade

Pelo apostolo

RICARDO CONGREVE

Fundador da Igreja Pozitivista de Londres

Tradução de Miguel Lemos, seguida de alguns estratos do
Catecismo Pozitivista de

AUGUSTO COMTE

Edição comemorativa da Fésta Geral da Humanidade

Em 1º Moizés de 148

(1º Janeiro 1936)

A

nóssa querida e venerada Mã

D. LUIZA BARBOZA CARNEIRO

(decana dos positivistas brasileiros)

*em nome de seus
filhos, nêtos e bisnêtos
que compartilhão de sua
Fé altruística*

Mario Barboza Carneiro.

Silvio Vieira Souto.

"A tua suave imagem (Clotilde) está destinada, talvez, a fornecer, em breve, às almas regeneradas, o milhór emblema do Gran-Ser" (Aug. Comte, Politica Positiva - tomo 4º - pag. 554).



A HUMANIDADE

representada sob os traços de Clotilde de Vaux
segundo os vótos de Augusto Comte
(Quadro de Décio Vilares)

PRECE A HUMANIDADE

DE RICARDO CONGREVE

Fundador da Igreja Positivista de Londres

TRADUÇÃO DE MIGUEL LEMOS (*)

Fundador e Diretor do Apostolado Positivista do Brasil

Com todos os centros de nossa fé onde quer que existam; com todos os seus discípulos esparsos, com os fiéis de todas as outras religiões ou crenças quaisquer, Monoteístas, Politeístas ou Fetichistas, subordinando todas as distinções secundárias ao laço esclusivo de uma aspiração religiôza comum; com toda a raça humana; isto é, com o homem, onde quer que se ache e qualquer que seja a sua condição, subordinando tambem todas as distinções secundárias ao laço único de nossa comum humanidade; com as raças animais que fôrão, durante a longa e trabalhôza acensão humana, os nossos companheiros e auxiliares, como ainda o são; estejamos hoje, nesta festa da Humanidade, unidos por uma consiente simpatia.

E não é sómente com os nossos contemporaneos que devemos hoje estar em comunhão simpática, mas tambem e sobretudo com essa parte preponderante de nossa espécie que representa o Passado. Comemoramos com reconhecimento os serviços de todas essas gerações que nos legarão

(*) Com esta prece o falecido apóstolo Ricardo Congreve abria, todos os anos, na Igreja de Londres, a Festa Geral da Humanidade. (Nota de Miguel Lemos. Op. 165, do A. P. do B.)

o fruto de seus labores, deejando transmitir ésta herança aumentada aos nóssos sucessores. Nós aceitamos o jugo dos Mórtos.

Comemoramos tambem com gratidão todos os serviços de nóssa Mãi comum, a Têrra, o planeta que nos sêrve de morada, e com éla o órbe que fórma o Sistema Solar, o nóssó Mundo. Não separemos désta última comemoração a do meio em que colocamos esse sistema, o Espaço, que foi sempre tão propício ao Hômem, e que está destinado, mediante uma sábia aplicação, a prestar-lhe ainda maióres serviços, pois que ele torna-se a séde reconhecida da abstração, a séde das leis superiores que coletivamente constituem o Destino do Hômem, e como tal introduzido em toda a nóssa educação intelectual e moral.

Do Presente e do Passado estendamos as nóssas simpatias ao Porvir, ás gerações futuras que com sórte mais felis nos sucederão sobre a Têrra; tenhamo-las sempre presentes ao nóssó espírito afim de completar a concepção da Humanidade, tal como nos foi revelada pelo Fundador de nóssa Religião, pela plena aceitação da continuidade que constitui o Seu mais nóbre caraterístico.

A memória do maiór dos servidores da Humanidade, AUGUSTO COMTE, e a dos seus tres ANJOS DA GUARDA, ocórre naturalmente nésta Sua mássima fésta, consagrada principalmente á memória de todos os que a têm servido, sêjão conhecidos ou anônimos, e á comemoração de todos os resultados obtidos por eles e pelos quais sobrevivem.

Oh! o mais sábio e o mais nóbre dos Méstres! possamos nós que nos proclamamos teus discípulos, animados pelo teu ezemplo, sustentados pela tua doutrina, guiados pelas tuas teorias, vencer todos os obstáculos que a indiferença ou a hostilidade semeia no nóssó caminho; possamos nós, no meio désta época revolucionária, sem nos deixar degradar por qualquer esperança de recompensa, nem desviar por qualquer insuccêso dos nóssos esforços, num espírito de submissiva veneração, levar por diante a grande empreza a que consagraste a tua vida, a empreza da regeneração humana, por meio e no seio do culto sistemático da Humanidade.

A HUMANIDADE

ESTRATOS DO CATECISMO POZITIVISTA

(Tradução de Miguel Lemos)

(3ª edição)

I — Os entes quiméricos que a religião empregou provizóriamente inspirarão diretamente vivos afêtos humanos, que fôrão mesmo mais poderózos sob as ficções menos elaboradas. Essa precióza aptidão devia por muito tempo parecer estranha ao pozitivismo, por efeito de seu imenso preambulo científico. Enquanto a iniciação filozófica abraçou apenas a órden material, e mesmo a órden vital, éla não pôde desvendar sinão leis indispensáveis á nóssa atividade sem nos ministrar nenhum objéto diréto de afeição permanente e comum. Mas já não é mais assim desde que éssa preparação gradual se acha finalmente completada pelo estudo próprio da órden humana, individual e coletiva.

Ésta apreciação final condensa o conjunto das concepções positivas na noção única de um ente imenso e etérno, a Humanidade, cujos destinos sociológicos se desenvolvem sempre sob o predomínio necessário das fatalidades biológicas e cosmológicas. Em torno deste verdadeiro Gran-Ser, motor imediato de cada ezistência individual ou coletiva, nóssos afêtos se concêntrão tão espontaneamente quanto nóssos pensamentos e ações. A idéia só desse Ser-Supremo inspira diretamente a fórmula sagrada do pozitivismo: **O Amor por princípio, e a Órden por baze; o Progrêso por fim.** Sempre fundada sobre um livre concurso de vontades independentes, a sua ezistência compósta, que toda discór-

Nóta dos editores — O Catecismo Pozitivista constitui uma sumária espozição da Religião Universal, em treze conferências entre uma Mulher e um Sacerdóte da Humanidade.

dia tende a dissolver, consagra logo a preponderancia continua do coração sobre o espírito, como a única base de nossa verdadeira unidade. E' assim que a ordem universal se resume daqui por diante no ente que a estuda e aperfeiçoa sem cessar. A luta crescente da Humanidade contra o conjunto das fatalidades que a dominão, apresenta ao coração, como ao espírito, um espetáculo mais digno que a onipotência, necessariamente caprichosa, de seu precursor teológico. Milhórmemente acessível tanto aos nossos sentimentos como ás nossas concepções, em virtude de uma identidade de natureza que não obsta á sua superioridade sobre todos os seus servidores, semelhante Ser-Supremo cita profundamente uma atividade destinada a conservá-lo e melhorá-lo. (Pags. 59 e 60).

*

II — Deveis definir em primeiro lugar a Humanidade como o **conjunto** dos seres humanos, passados, futuros, e presentes. Esta palavra **conjunto** indica-vos bastante que não se deve compreender aí todos os homens, mas só aqueles que são realmente assimiláveis, por efeito de uma verdadeira cooperação na existência comum. Posto que todos nãção necessariamente filhos da Humanidade, nem todos se tornão seus servidores, e muitos permanecem no estado parasitário, que só foi desculpável durante a sua educação. Os tempos anárquicos fazem sobretudo pulular, e demaziadas vezes florescer, esses tristes fardos do verdadeiro Gran-Ser. Mais de um vos deve ter trazido á lembrança a admirável reprovação de Dante, esboçada já por Horácio e reproduzida por Ariosto:

Che visser senza infamia e senza lodo.

.....
Cacciarli i ciel per non esser men belli,

Né lo profondo inferno li riceve,

Ch'alcuna gloria i rei avrebber d'elli.

.....
Non ragionam di lor, ma guarda e passa.

Vedes assim que, a este como a qualquer outro respeito, a inspiração poética antecedeu muito á sistematização filozófica. Seja como fôr, si esses parasitas não fazem realmente parte da Humanidade, uma justa compensação vos prescreve de agregardes ao novo Ente-Supremo todos os seus dignos auxiliares animais. Toda útil cooperação habitual nos destinos humanos, quando ezercida voluntariamente, erige o ser correspondente em elemento real dessa existência composta, com um grau de importancia proporcionado á dignidade da espécie e á eficacia do individuo. Para avaliar este complemento indispensável, basta imaginar que ele nos falta. Ninguem hezitará então em considerar tais cavalos, cães, bois, etc., como mais estimáveis que certos homens.

Nesta primeira concepção do concurso humano, a atenção vólta-se naturalmente para a solidariedade, de preferência á continuidade. Mas, conquanto ésta seja a principio menos sentida, por ezigir um ezame mais profundo, é a noção déla que deve finalmente prevalecer, porquanto o surto social pouco tarda em depender mais do tempo que do espaço. Não é só hoje que cada homem, esforçando-se por apreciar o que deve aos outros, reconhece uma participação muito maior no conjunto de seus predecessores do que no de seus contemporaneos. Similhante superioridade manifésta-se, em menores proporções, nas épocas mais remotas, como o indica o culto comovente que sempre nesses tempos se rendeu aos mortos, segundo a béla observação de Vico.

Assim, a verdadeira sociabilidade consiste mais na continuidade sucessiva do que na solidariedade atual. Os vivos são sempre, e cada vês mais, governados necessariamente pelos mortos: tal é a lei fundamental da ordem humana.

Para se conceber milhór ésta lei, cumpre distinguir, em cada verdadeiro servidor da Humanidade, duas ezistências sucessivas: uma, temporária, mas diréta, constitui a vida propriamente dita; a outra, indireta, mas permanente, só começa depois da morte. Sendo a primeira sempre corporal, pôde ser qualificada de **objetiva**; sobretudo por contraste com a segunda, que, não deixando subsistir a cada um sinão

no coração e no espírito de outrem, merece o nome de **subjetiva**. Tal é a nóbre imortalidade, necessariamente imaterial, que o positivismo reconhece á nóbria **alma**, conservando este termo precioso para designar o conjunto das funções intelectuais e morais, sem nenhuma alusão á entidade correspondente.

Em virtude d'êsta elevada noção, a verdadeira população humana se compõe, pois, de duas massas sempre indispensáveis, cuja proporção varia sem cessar, tendendo a fazer com que os mórtoos prevalêção mais sobre os vivos em cada operação real. Si a ação e o resultado depêdem sobretudo do elemento objetivo, o impulso e a régra dimanão principalmente do elemento subjetivo. Liberalmente dotados pelos nóbrios predecessores, nós transmitimos de graça aos nóbrios sucessores o conjunto do domínio humano, com uma estensão cada vês mais fraca proporcionalmente ao que recebemos. Esta gratuidade necessária encontra sua digna recompensa na incorporação subjetiva que nos permitirá perpetuar nóbrios serviços, transformando-os.

Si bem que semelhante teoria pareça constituir hoje o último esforço sistemático do espírito humano, as mais longínquas evoluções oferecem sempre o gérmen espontâneo d'êla, já sentido pelos mais antigos poetas. A mínima cabilda, e mesmo cada família um pouco considerável, júlgão-se logo como a estirpe essencial d'êssa existência composta e progressiva que não compórta, no espaço e no tempo, outros limites necessários que os do estado normal peculiar ao seu planeta. Posto que o Gran-Ser não esteja ainda assás formado, as colizões mais íntimas nunca ocultarão sua evolução gradual, que sistematicamente apreciada, fornece hoje a única baze possível de nóbria unidade final. Mesmo sob o egoísmo cristão, que ditava ao duro São Pedro a mássima caraterística: **Consideremo-nos sobre a t'erra como estrangeiros ou exilados**, vemos já o admirável São Paulo antecipar, pelo sentimento, a concepção da Humanidade, n'êsta imagem tocante, mas contraditória: **Nós somos todos membros uns dos outros**. Só o princípio positivista devia

revelar o tronco único ao qual necessariamente pertencem todos esses membros espontaneamente confuzos". (Pags. 72 a 76).

Posto que o conjunto da Humanidade constitua sempre o principal motor de nóbrias operações quaisquer, físicas, intelectuais, ou morais, o Gran-Ser nunca pôde agir sinão por intermédio de órgãos individuais. E' por isso que á população objetiva, apesar de sua subordinação crescente á população subjetiva, continua necessariamente indispensável a toda influência d'êsta. Decompondo, porem, êssa participação coletiva, vê-se afinal que êla rezulta de um livre concurso entre esforços puramente pessoais. Eis aí o que deve reerguer cada digna individualidade em prezença do novo Ente-Supremo, ainda mais que perante o antigo. Com efeito, este não tinha realmente nenhuma necessidade de nóbrios serviços quaisquer, sinão para vãos louvores, devendo, até, sua pueril avidês por eles degradá-lo aos nóbrios olhos. Recordai-vos deste v'erso decizivo da **Imitação**:

Eu te sou necessário, e tu de nada me s'erves.

Poucos sem dúvida são os homens que se podem considerar como realmente indispensáveis á Humanidade: isto só quadra aos verdadeiros promotores de nóbrios principais progressos. Mas toda digna existência humana pôde e deve sentir habitualmente a utilidade de sua cooperação pessoal n'êssa imensa evolução, que cessaria necessariamente logo que todos os seus mínimos elementos objetivos desaparecessem a um tempo. O desenvolvimento, e mesmo a conservação do Gran-Ser, ficção, portanto, subordinados sempre aos livres serviços de seus diversos filhos, posto que a inação de cada um deles seja de ordinário sucetível de uma sufficiente compensação. (Pags. 77 e 78).

*

III — Toda a existência do Ser-Supremo fundando-se no amor, único laço que reúne voluntariamente os seus

elementos separáveis, o sexo afetivo constituiu naturalmente o representante mais perfeito, e ao mesmo tempo o principal ministro do Gran-Ser. A arte jámais poderá representar a Humanidade de um modo condigno sinão sob a forma feminina. Mas a providência moral de nossa Deusa não se exerce só pela ação coletiva do vosso sexo sobre o meu. Esse officio fundamental resulta sobretudo da influência pessoal que cada digna mulher desenvolve sem cessar no seio de sua própria familia. Do santuário doméstico dimana de continuo esse santo impulso, único que nos pôde preservar da corrupção moral a que sempre nos dispõe a existência prática ou teórica. Sem tais raízes privadas, a ação coletiva da mulher sobre o homem não comportaria, por outro lado, nenhuma efficácia permanente. E' tambem na familia que se realiza uma apreciação sufficiente do sexo afetivo, do qual cada um de nós só pôde conhecer de um modo real os tipos com que vive intimamente.

Eis aí como, no estado normal, cada homem acha em torno de si verdadeiros **anjos da guarda**, ao mesmo tempo ministros e representantes do Gran-Ser. A adoração secreta deles, consolidando e desenvolvendo a influencia continua que lhes cabe, tende dirétamente a nos tornar sempre milhóres e mais felizes, fazendo gradualmente prevalecer o altruismo sobre o egoismo, pela expansão de um e compressão de outro. Nossa justa gratidão pelos beneficios já recebidos transfórma-se assim em fonte natural de novos progressos. (Pags. 120 e 121).

*

IV — Dizem que cada positivista se glorifica a si mesmo quando honra um ente necessariamente composto de seus próprios adoradores. Este repróche não pôde de forma alguma applicar-se ao nosso culto privado: refére-se unicamente á adoração diréta da Humanidade, sobretudo mediante homenagens coletivas. Podemos, porem, repelir fácilmente similhante acuzação fundados na verdadeira noção do Gran-Ser, cuja composição é principalmente subjetiva. Os que lhe protestão sua gratidão não estão nada se-

guros, em geral, de ser a ele afinal incorporados. Eles apenas têm a esperança de tal recompensa, porque cõtão merecê-la, por uma carreira digna, sempre apreciada pelos seus successores.

Esta retificação está plenamente de acordo com o verdadeiro espirito de nosso culto publico, no qual o prezente glorifica o passado para milhór preparar o futuro, apagando-se espontaneamente entre essas duas imensidades. Longe de ezaltarem o nosso orgulho, essas efuzões solenes tñdem sem cessar a inspirar-nos uma sincera humildade. Porquanto elas nos fázem sentir profundamente quanto somos incapazes, apezar dos nossos milhóres esforços coletivos, de nunca retribuir ao Gran-Ser mais do que uma minima parte do que recebemos dele. (Pags. 142 e 143).

*

V — Posto que cada função humana se ezeça necessariamente por um órgão individual, sua verdadeira natureza é sempre social; pois que a participação pessoal subordina-se aí constantemente ao concurso indecomponível dos contemporaneos e dos predecessores. Tudo em nós pertence, portanto, á Humanidade, porque tudo nos vem déla, vida, fortuna, talento, instrução, ternura, energia, etc. Um poeta, que nunca foi suspeito de tendência subversiva, fês proclamar por Tito esta sentença deciziva, digna na verdade de similhante órgão:

So che tutto é di tutti; e che né pure
Di nascer meritó chi d'esser nato
Crede solo per se.

Presentimentos análogos poderfão ser encontrados nas mais antigas composições. Assim o positivismo, reduzindo toda a moral humana a **viver para outrem**, limita-se realmente a sistematizar o instinto universal, depois de ter erguido o espirito teórico até o ponto de vista social, inacessível ás síntezes teológicas ou metafizicas.

O conjunto da educação positiva, tanto intelectual como afetiva, nos tornará profundamente familiar nossa inteira dependência para com a Humanidade, de maneira a fazer-nos dignamente sentir nosso necessário destino ao seu serviço contínuo. Na idade preparatória, incapaz de uma atividade útil, cada um de nós confessa sua própria impotência ante suas principais necessidades, cuja satisfação habitual reconhecemos que nos vem de alhures. Primeiro acreditamos que só devemos este auxílio à nossa família, que nos sustenta, cuida, instrui etc. Não tardamos, porém, em distinguir uma providência mais elevada, da qual nossa mãe não é em relação a cada um de nós senão o ministro especial e o melhor representante. A instituição da linguagem bastaria por si só para revelar-nos essa providência. Porquanto, semelhante construção ecêde todo poder individual, e resulta unicamente do concurso acumulado de todas as gerações humanas, apesar da diversidade dos idiomas. Por outro lado, o homem menos favorecido sente-se continuamente deverdor à Humanidade de uma multidão de outros tesouros materiais, intelectuais, sociais, e mesmo morais.

Quando este sentimento é assás nítido e vivo na idade preparatória, ele pôde rezistir depois aos sofismas apaixonados que sucita a vida real, teórica ou prática. Nossos esforços habituais têndem então a fazer-nos desconhecer a verdadeira providência ezagerando nosso valor pessoal. Mas a reflexão pôde sempre dissipar esta iluzão ingrata, naqueles que fôrão convenientemente educados. Porquanto a estes basta notar que o próprio bom êxito de seus trabalhos quaisquer depende sobretudo da imensa cooperação que seu obsecado orgulho esquece. O homem mais hábil e de melhor atividade não pôde nunca retribuir senão uma porção mínima do que recebe. Ele continua, como na sua infância, a ser alimentado, protegido, desenvolvido, etc., pela Humanidade. Sómente os ministros desta mudarão, de modo a não sêrem mais distintamente apreciáveis. Em vês de tudo receber dêla por intermédio dos pais, éla transmite-lhe então seus benefícios por uma multidão de agentes indiretos, cuja maior parte ele nunca virá a conhecer. Viver para ou-

trem torna-se, pois, para cada um de nós, o dever contínuo que rezulta rigorosamente deste fato irrecuzável: viver por outrem. Tal é, sem nenhuma ezaltação simpática, o resultado necessário de uma ezata apreciação da realidade, filozóficamente apanhada em seu conjunto. (Pags. 325 a 327).

*

VI — Sob a universal preponderancia do ponto de vista humano, uma sintheze subjetiva pôde assim construir enfim uma filozofia verdadeiramente inabalável, que levou a fundar a religião final, lógo que o surto moral completou a renovação mental. Desde então admirou-se a idade-média, sem deixar de apreciar melhor a antiguidade. A cultura do sentimento foi radicalmente conciliada com a da inteligência e da atividade.

Todos os nobres corações e todos os grandes espíritos, sempre convergentes daqui por diante, concêbem assim terminada a longa e difícil iniciação por que a Humanidade teve de passar, sob o império constantemente decrecente do teologismo e da guêrra. O movimento moderno cessa de ser radicalmente antinômico. Sua progressão positiva mostra-se enfim capaz de satisfazer a todas as exigências, intellectuais e sociais, provenientes de sua progressão negativa, não só quanto ao futuro, mas também quanto ao presente, do qual eu não tinha de ocupar-me aqui. Por toda parte o relativo sucêde irrevogavelmente ao absoluto, e o altruísmo tende a dominar o egoísmo, ao passo que uma marcha sistemática substitui uma evolução espontanea. Em uma palavra, a Humanidade substitui-se definitivamente a Deus, sem esquecer jámais seus serviços provizórios.

Eis aí a última explicação que eu vos devia sobre o advento decizivo da religião universal, a que aspirão, ha tantos séculos, o Ocidente e o Oriente. Apesar de tal advento ainda se achar muito entravado, sobretudo no seu centro, pelos prejuízos e pelas paixões que, sob divêrsas fôrmas, repêlem toda verdadeira diciplina, sua eficácia será sentida em breve pelas mulhêres e pelos proletários, prin-

principalmente no Sul. Mas sua milhór recomendação ha de rezultar da aptidão escluziva do sacerdócio positivo para agremiar por toda parte as almas honestas e sensatas, pela digna aceitação do conjunto da sucessão humana. (Pags. 447-48).

*

VII — As mulhéres e os proletários não pódem nem dévem converter-se em doutores, e nem eles o quérem. Todos, porem, precízão compreender quanto baste o espí-rito e a marcha da doutrina universal, para impôem a seus chéfes espirituais uma suficiente preparação científica e lógica, sobre a qual repouza necessáriamente o officio sistemático do sacerdócio. Óra, ésta diciplina intelectual é hoje por tal fórma contrária aos hábitos criados pela anarquia moderna, que éla nunca prevalecerá si o público de ambos os séxos a não impuzér aos que pretêdem dirigir suas opiniões. Ésta condição social tornará sempre precióza a propagação geral da instrução religiôza, além de seu destino próprio para guiar cada ezistência, individual ou coletiva. Mas similhante serviço adquire agóra uma importancia capital, afim de se pôr um paradeiro decizivo á anarquia ocidental, principalmente caracterizada pela revólta intelectual. Si este catecismo pudésse convencer as mulhéres e os proletários que seus pretensos guias espirituais são radicalmente incompetentes para as altas elaboraçôes que cégalmente lhes são confiadas, muito contribuiria para a pacificação do Ocidente. (Pags. 68 e 69).

OF. GR. DA S. A. A NOITE